

REVISTA

Multitemas

v.31, n. especial "Frei Tinus", 2026
Campo Grande, MS, Brasil
ISSN 1414-512X

DOI: http://dx.doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.5624

Apresentação

Neste projeto, a revista *Multitemas* apresenta o pensamento de Frei Catharinus (Tinus) van Balen, O. Carm., e propõe uma reflexão sobre a origem, o sentido e a prática de uma filosofia da oração. Idealizado a partir da iniciativa do Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques, OSB-EA, o projeto reúne diferentes momentos de aproximação ao pensamento de Frei Tinus: a entrevista **A "Morada do Frade"**, as **Meditações para uma Filosofia da Oração**, de autoria do próprio Frei Tinus, e, na sequência, o estudo **A oração como filosofia no pensamento de Frei Catarinus van Balen**, de Victor Hugo de Oliveira Marques.

A entrevista **A "Morada do Frade"** constitui a porta de entrada para esse percurso. Nela, Frei Tinus compartilha sua trajetória, sua formação e as experiências que contribuíram para a construção de seu pensamento. Diante do mundo, do tempo, da paisagem e dos mistérios do universo, o frade foi, desde a infância, conduzido a questionamentos que atravessam tanto a filosofia quanto a religião: *"por que eu existo?", "de onde eu vim?" e "para onde eu vou?"*. Como ele próprio afirma, essas perguntas, presentes desde sua infância, já apontavam para uma atitude filosófica diante da vida.

A vastidão da paisagem em que cresceu, marcada pelos horizontes abertos e pelo silêncio, ocupa um lugar importante nessa trajetória. Diante dela, o silêncio não significa apenas ausência de som, mas também espaço para a pergunta, para a contemplação e para o encontro com aquilo que ainda não conhecemos. É nesse movimento entre o conhecido e o desconhecido que surge a busca por sentido, expressão e significância. A experiência religiosa de Frei Tinus se encontra, assim, com a inquietação filosófica diante da existência e do mistério.

É a partir dessa trajetória que chegamos às **Meditações para uma Filosofia da Oração**, de Frei Tinus van Balen. Em suas reflexões, a oração é pensada para além de uma prática meramente religiosa: ela se relaciona à própria condição humana, à linguagem e à capacidade de estabelecer uma relação com o transcendente. O *logos*, a palavra, ocupa lugar fundamental nesse processo. Pela linguagem, o ser humano expressa, comunica, procura

e estabelece relações; pela oração, dirige essa palavra ao mistério e a Deus. O silêncio, por sua vez, não desaparece diante da palavra: ele permanece como espaço de escuta e de abertura.

A palavra torna-se, desse modo, uma forma de aproximação. Ela parte da experiência humana e se dirige ao que a ultrapassa, transformando a procura por sentido em expressão e diálogo. A oração aparece como um movimento no qual o ser humano procura compreender sua existência, sua relação com o mundo e sua relação com Deus.

Na sequência, o Posfácio, escrito pelo Prof. Dr. Heitor Romero Marques, retoma o pensamento apresentado e lança um olhar sobre a trajetória e a importância de Frei Tinus. Sua reflexão nos conduz novamente às questões que aparecem no início da entrevista – "por que eu existo?", "de onde eu vim?" e "para onde eu vou?" –, mostrando como essas perguntas atravessam sua experiência e permanecem presentes em sua trajetória cristã, filosófica e pedagógica. O posfácio funciona, assim, como uma pausa entre a palavra de Frei Tinus e a reflexão que se seguirá, permitindo que o leitor retome o caminho percorrido antes de avançar para uma nova leitura de seu pensamento.

É então que o Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques desenvolve essa reflexão no texto **A oração como filosofia no pensamento de Frei Catarinus van Balen**. Partindo das ideias apresentadas por Frei Tinus, o autor aproxima a oração da linguagem e investiga o lugar da palavra na experiência humana e religiosa. A reflexão percorre questões filosóficas, teológicas e antropológicas, retomando conceitos como ***logos***, ser, linguagem, mistério e transcendência. Nesse percurso, a oração deixa de ser compreendida apenas como uma ação individual e passa a ser considerada também como uma forma de relação, expressão e compreensão do próprio ser humano.

O projeto estabelece, assim, um diálogo entre a experiência, a reflexão e a interpretação. A entrevista nos aproxima da trajetória de Frei Tinus; suas **Meditações** apresentam diretamente sua reflexão sobre a oração; e o estudo de Victor Hugo de Oliveira Marques retoma esse pensamento e o desenvolve a partir de uma perspectiva filosófica. São diferentes vozes e momentos que se encontram em torno de uma mesma questão: como o ser humano, por meio da palavra e da oração, procura compreender sua existência e estabelecer uma relação com aquilo que o transcende.

A iniciativa do Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques transforma essas palavras em uma ponte entre o pensamento de Frei Tinus e o leitor. Ao reunir esses textos, o projeto preserva uma experiência intelectual e espiritual e, ao mesmo tempo, abre espaço para novas leituras e questionamentos. Mais do que oferecer respostas definitivas, convida-nos a acompanhar uma busca: a busca pelo sentido da existência, pela força da palavra e pela possibilidade de, diante do mistério, encontrar na oração uma forma de expressão, escuta e encontro com Deus.

Cabe ainda uma palavra de agradecimento a Neane Alves, cuidadora de Frei Tinus, cuja presença e dedicação acompanham de perto sua trajetória. A ela, nosso reconhecimento e nossa gratidão pelo cuidado, pela presença e por tudo aquilo que, muitas vezes silenciosamente, também contribui para preservar e tornar possível esta história.

Boa leitura!
Débora Albuquerque Xavier
Editora UCDB

DOI: http://doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.5618
Recebido em: 30/10/2026; aprovado para publicação em: 30/10/2026

A "Morada do Frade"

Entrevista com Frei Tinus

Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques, OSB-EA

Doutor em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Salesianidade pela UCBD. Especialista em Filosofia e Existência pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Licenciado em Filosofia pela UCDB. Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Atualmente é Coordenador e docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia, ambos pela UCDB. Pesquisador do Laboratório de Ética e Cuidado (LABEC) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: diferencaontologica@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4366-6596

Nota: O autor é o responsável pela revisão ortográfica e gramatical desta publicação.

Fr. Tinus van Balen, O. Carm.: Frade carmelita (Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo). Nascido na Holanda, formou-se em Filosofia pela Universidade Católica de Louvaina, Bélgica, e em Teologia Dogmática pela Universidade de Münster, Alemanha. Dedica-se aos estudos e à tradução de obras relacionadas à espiritualidade carmelitana. Está atualmente escalado na comunidade do Convento São José, atuando pastoralmente na Paróquia Santa Teresa de Jesus, em São Paulo (SP).

Multitemas: Como o senhor descreve o momento em que percebeu a sua vocação?

Fr. Tinus: *A vocação é sempre condicionada pelo ambiente em que a pessoa cresceu. Eu me criei, como criança, num ambiente profundamente marcado pela religião. Nasci em 1937, antes da Segunda Guerra Mundial, num ambiente marcado especialmente pela Igreja Católica. Cresci numa região do interior do norte da Holanda, que mostra a vastidão de paisagens de fazendas e gados, sem muitas árvores. Nesta planície, quando se está no quintal da casa, se vê o horizonte, especialmente no inverno, ainda mais reina este silêncio e vastidão, pela neve e gelo, e me lembro que num certo momento tive a experiência do Sagrado da paisagem e, no meio dela, da minha pequenez. Foi uma experiência muito essencial e inesquecível. Acho que foi um chamamento, que também foi um chamamento filosófico.*

Multitemas: Há algum episódio simples, cotidiano, que o senhor considera decisivo para a sua formação espiritual?

Fr. Tinus: *Me lembro, além de ter o costume de frequentar a missa e de rezar o terço à noite em casa, em família, minha mãe me ensinou a rezar o "Pai Nosso"... eu estava no segundo andar de casa e ela me convidou a ajoelhar-me, diante da cadeira, e rezava o "Pai Nosso" e eu repetia. E toda noite, antes de ir para a cama, rezava de joelhos o "Pai Nosso" e o "Anjo da Guarda", que foi a fonte da minha vocação.*

Multitemas: Como a filosofia influenciou sua maneira de viver a fé e a vida comunitária?

Fr. Tinus: *A verdadeira filosofia, na minha opinião, não se interessa somente pelas coisas racionais, mas também pelo mistério. O ambiente em que eu me criei, e que era muito religioso, era aberto para esta dimensão da vida. As perguntas: "por quê eu existo?", "de onde eu vim?" e "para onde eu vou?", são perguntas religiosas e também filosóficas. Eu acho que, quando criança, neste ambiente, eu já era filósofo.*

Multitemas: Como surgiu a oportunidade de estudar filosofia e se aproximar do ambiente fenomenológico?

Fr. Tinus: *Depois do ensino médio entrei no internato para formar-me como padre, estudávamos línguas, especialmente latim e grego, ficamos conhecendo a história dos tempos antigos da Grécia,* ***do Homero, de Júlio César e do Vergílio, Ovídio e Tácito****. Este colégio era um seminário. Então tive muita oportunidade, e também vontade, para conhecer estes assuntos da religião e do ambiente das línguas clássicas. E surgiu, mais definitivamente, o meu interesse pela Filosofia.*

Multitemas: Que lembranças o senhor guarda do clima intelectual das décadas de 60 e 70, especialmente no contexto da fenomenologia?

Fr. Tinus: *Como padre jovem, de 27 anos, fui para a Alemanha para preparar meu doutorado em Teologia, o que terminei em maio de 1968. Nas grandes capitais da Europa havia a rebeldia dos estudantes contra autoridades dos professores, que ensinavam sem consultar a opinião dos estudantes. Naquela época aconteciam muitas mudanças na sociedade, mudanças causadas pela antropologia, a psicanálise de* ***Freud Jung****, o existencialismo de* ***Kierkegaard****, a filosofia de* ***Nietzche, de Marx*** *e a filosofia de* ***Hegel, Kant e Heideggeer****. Na teologia começou o interesse pela exegese da bíblia de Rudolf Bultmann; a teologia se interessava mais pela figura histórica de Jesus e pela história social e cultural dos primeiros tempos da Igreja. Os grandes filósofos* ***Nietzche, Marx*** *e* ***Freud****, são chamados "mestres de suspeito". Depois do meu doutorado na Alemanha, fiz pós-graduação em Filosofia, na universidade* ***de Louvânia-Bélgica****, onde se ensinava a fenomenologia e havia o arquivo*

*de **Edmund Husserl**. Na igreja era o tempo pós-exílio (com os documentos sobre a Igreja Lumen Gentium), sobre a liturgia (Sacrosanctum Concílium), a relação da igreja com o mundo atual, apresentado no documento "Gaudium et spés". Começaram muitas mudanças na igreja, especialmente na área pastoral.*

Multitemas: Alguma conversa, gestos desses filósofos e teólogos que o senhor nunca esqueceu?

Fr. Tinus: *Estão sempre presentes na minha mente, além dos meus professores da Alemanha, entre outros: **Karl Rahner, Jozef Ratzinger, Valter Kasper** (meu promotor do doutorado) e todos influenciados também pelo teólogo suiço **Karl Barth**, os teólogos franceses **Henri de Lubac, Yves Congar, Chenu e o suíço Hans Urs Von Balthazar**. Se escreveu muito sobre as origens da igreja e a Espiritualidade dos padres da igreja. A igreja oficial tinha deixado de ficar orientada para esta origem desde a Idade média. Começou a espiritualidade da "Lex credendi" em lugar da "Lex Orandi". A mudança para voltar para a espiritualidade "Lex Orandi", que ainda estava presente na igreja no primeiro milênio, ficou mais forte desde o Concílio Vat. II, (cf. o documento sobre a liturgia Sacrosanctum Concílium", que era o primeiro documento promulgado). A norte, especialmente desde o Concílio Vaticano Segundo, é agora a "Lex Orandi".*

Multitemas: O que o senhor considera ser a maior contribuição de Heidegger para o pensamento cristão, mesmo não sendo ele um filósofo religioso?

Fr. Tinus: *Não vamos esquecer que a filosofia de **Martin Heidegger** é marcada pela época em que ele nasceu e viveu. Na Europa aconteceu a Primeira Guerra Mundial, de 1914 até 1918. O homem experimentou o abismo de maldade e da destruição de si mesmo e do outro. Além disso, ficou consciente de seu poder pelas invenções tecnológicas. Na antropologia estava presente fortemente a psicanálise de Freud e Jung. Além destes aspectos, está mais presente a ausência de Deus, que se chama "a dessacralização". O homem se sente por um lado na filosofia de Heidegger, "jogado no mundo", e por outro lado, ele desenvolve a criatividade, seus projetos. O homem é um ser de possibilidades. A filosofia de **Heidegger** procura **descobrir** o que esta*

atrás de tudo isso, isto é: a origem. Ela reflete sobre o sentido da história, e quer descobrir as raízes. ***O Sagrado****, apesar da época em que o homem está voltado para si mesmo e seus projetos, nunca desaparece, porque o próprio ser humano (Dasein, ser-aí, que é um ser-no-mundo) é manifestação do Sagrado (****O SER****). O Sagrado aparece sempre nas obras de arte, pintura, arquitetura, música, na grande literatura e na poesia. A filosofia de* ***Martin Heidegger*** *fica, mais e mais, voltada para questionar a técnica. Apontando para o perigo do homem moderno poder perder a sua dignidade humana, quando não mais respeita a natureza e sua própria natureza. Neste sentido, a filosofia de Heidegger contribui para nossa religião cristã. Levando em conta tudo isso, a filosofia de Heidegger contribui para refletir sobre nossa religião, em que também* ***o Sagrado e o Mistério*** *são aspectos principais. Na vida do filósofo* ***Heidegger tem 3 fases****: ele começa como jovem, estuda teologia, depois torna-se filósofo e, por último, torna-se um contemplativo. Tem um dito dele, em alemão, que diz o seguinte:* ***"Denken ist danken"****, em português:* ***"Pensar é agradecer"****.*

Multitemas: A noção Haideggeriana de "Wohnen" influenciou sua compreensão de vida espiritual? O senhor acredita que a crítica à técnica, pode ajudar a fé cristã a dialogar com o mundo atual?

Fr. Tinus: ***Heidegger*** *publicou uma palestra em 1951, sobre "****Bauen Wohnen Denker*** *(****Construir, Morar, Pensar****)". Posso dizer que nesta bela palestra (que o próprio Heidegger contemplou como um de suas melhores) reconheci a minha espiritualidade cristã.* ***Jesus*** *veio no mundo para oferecer, em nome de Deus, uma segurança, proteção e sentimento de ser irmão um do outro. A Igreja deveria ser um lugar de fraternidade, de um abrigo espiritual, de não mais sofrer de uma solidão negativa, mas estar juntos com Jesus ressuscitado. No início* ***do evangelho de João****, dois discípulos se aproximam de Jesus e perguntam: "Senhor, onde moras?" e Jesus diz: "Vinde e vejam." Embora Jesus não tivesse morada física, ninguém morava tão intenso e belo do que ele. Por causa de que* ***morar****, sendo uma realidade espiritual, significa* ***celebrar, de modo festivo****, o relacionamento com outras pessoas. Você pode morar num belíssimo casarão, mas quando você não se relaciona, ou não tem condições de relacionar-se, você não "****mora****". Isso Heidegger sabia muito bem. Ele escreveu uma Carta, chamada "Carta sobre o Humanismo",*

e, na Carta respondendo ao existencialismo do filósofo francês ***Jean Paul Sartre****, ele diz: "Temos que meditar sobre o sentido do* ***Ser.*** *E ainda não pensávamos que ser, no sentido profundo, é* ***Morar****". Voltando para o cristianismo, a Igreja deveria ser, em primeiro lugar,* ***uma família. E celebrar mais profundamente, ser o corpo místico de Jesus.*** *O próprio Jesus diz que Deus quer morar e construir a sua morada nos corações dos homens, que guardam a palavra de Jesus no coração (****cf Jo 14, 23****). A respeito da Técnica, temos que distinguir* ***dois comportamentos humanos diferentes****. Num comportamento, o homem quer* ***controlar*** *tudo ao seu redor, quer* ***calcular.*** *E graças a este comportamento, desenvolvido pela técnica, o ser humano consegue sobreviver e viver neste mundo também cheio de adversidades (enchentes, terremotos, furacões, seca e temperaturas extremas de frio e de calor, e de guerras causadas pela falta de comunicação). No outro comportamento, o homem torna-se aberto para respeitar tudo ao seu redor, numa atitude de admiração e deixar as coisas como elas são. Cultiva a Arte a Festa, num ato de agradecer. No tempo de hoje predomina o primeiro comportamento, através da técnica. Mas, dominando todas as coisas e manipulando a natureza, o próprio homem percebe que a natureza "se vinga". Por isso surgiram partidos políticos que lutam pela ecologia. O próprio Papa Francisco, escreveu uma encíclica "****Laudato si****", que é uma citação do Cântico das criaturas de* ***São Francisco****. Precisamos, diz o Papa: de "****uma casa comum****", e de que o ser humano possa nutrir-se, abrigar-se contra os perigos da natureza,* ***celebrar a sua fraternidade****, em harmonia com a natureza e desistir de manipulá-la ao extremo. Mas é exatamente isso que* ***Heidegger também aborda na sua palestra "Construir, Morar e Pensar", de 1951.*** *Quero observar que o filósofo Heidegger sempre preferiu morar no interior, (em* ***Todnauburg****, perto de* ***Freiburg em Breisgau****) e escreveu uma pequena auto biografia chamada "Der Feldweg" (o Caminho do campo), meditando sobre o mistério do Caminho que é a nossa vida humana, condicionada pelo Céu e pela terra, pelo dia e noite, pelo nascimento e morte, e pelas quatro estações (primavera, verão, outono e inverno). E condicionado pelo nosso corpo. Graças a qual, nós podemos experimentar, ser jovem e envelhecer. E experimentar que a nossa vida é um "dom maravilhoso".*

Multitemas: O que motivou o senhor a escrever "A Fonte"? Se pudesse acrescentar um novo capítulo ao livro hoje, com a sabedoria dos seus 90 anos, qual seria o tema?

*Sempre me interessava, como professor de filosofia e da teologia, "***o fenômeno da linguagem***". Este fenômeno marcou a filosofia grega, desde os Pré-socráticos. O grande filósofo pré-socratico* ***Heráclito*** *fala no* ***fragmento 50 da sua obra Pero Psuches****, "É sábio,* ***ouvindo*** *não a mim, mas* ***o Logos****,* ***concordar*** *que todas as coisas são uma". A palavra* ***Logos****, significa: ordem, razão,* ***conversa****, significado, conjunto, totalidade, coerência. A noção de LOGOS, cheio de conotações e marcando a cultura grega, passou na filosofia de Heidegger, sendo "o Ser".* ***O próprio Heidegger****, deu um curso sobre* ***Heráclito.*** *E durante a guerra mundial, um discurso sobre o* ***fragmento 50 de Heráclito****, publicado na série "Pensadores", sob o título* ***LOGOS****, com a tradução de* ***Ernildo Stein****. Logos é substantivo do verbo grego* ***Legein****, o que significa* ***"colecionar", e daí falar****.* ***Logos significa, linguagem****. E exatamente, a cultura grega, ao meu ver, corresponde, embora seja tão diferente, à cultura bíblica e hebraica. Porque na bíblia, Deus é aquele* ***que fala, isto é, chama****. É falando, que Deus cria o Universo e o ser humano. E justamente, dotado pelo dom da linguagem, o ser humano pode relacionar-se entre si, e obter sua identidade como pessoa. Como ser falante, ele é "Imagem de Deus".* ***O Evangelista São João*** *medita, profundamente, este mistério. Ele começa seu Evangelho com a frase lapidar:* ***Jo 1, 1:*** *No principio era o Verbo (grego: Logos), e o Verbo estava junto de Deus, e o Verbo era Deus. E no versículo* ***Jo 1, 14*** *E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos sua glória, a glória que o Filho único recebe do seu Pai, cheio de graça e de verdade.* ***Jesus é um ser humano****, no sentido integral, de corpo e alma. E é, ao mesmo tempo, o "****Logos encarnado****". Este mistério, o paradoxo de todos os paradoxos, tão admirável e inefável, pode-se comparar a* ***uma Fonte****. Ela " brota" entre pedras, formando um rio de águas torrentes, que finalmente desemboca no oceano. Os homens contemplativos não se cansam de admirar-se sobre isso. Enquanto outros acham que é uma cena monótona" (****Honoré de Balzac****). Gostaria de aprofundar este mistério da Linguagem que já abordei no meu livro* ***A Fonte****. Refletindo sobre isso, como professor da filosofia e teologia, gostaria de contribuir para oferecer um panorama em que se possa apresentar* ***uma filosofia da oração.***

A Revista ***Multitemas*** da UCDB expressa sua sincera gratidão ao frade carmelita Tinus, pela generosidade em compartilhar seu tempo, suas reflexões e sua trajetória conosco. Sua contribuição não apenas enriquece o debate acadêmico, mas também amplia horizontes de compreensão sobre os temas abordados, oferecendo aos nossos leitores um testemunho intelectual sólido e inspirador. A entrevista aqui apresentada reafirma o compromisso da ***Multitemas*** com a promoção de diálogos qualificados e plurais, e nos convida a seguir cultivando espaços de escuta, reflexão e produção de conhecimento.

Nosso muito obrigado, Fr. Tinus van Balen, O. Carm.

Imagem 1 – Frei Tinus e Revdo. Victor Hugo



Fonte: Arquivo pessoal.

Doi: http://doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.5620
Recebido em: 30/10/2026; aprovado para publicação em: 30/10/2026

Meditações para uma Filosofia da Oração

Fr. Tinus van Balen, O. Carm.

Frade carmelita (Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo). Formou-se em Filosofia pela Universidade Católica de Louvaina, Bélgica, e em Teologia Dogmática pela Universidade de Münster, Alemanha. E-mail: tinvanbalen@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0009-0003-1441-5901

Nota: O autor é o responsável pela revisão ortográfica e gramatical desta publicação.

1 À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO

A palavra grega ***philosophia*** é composta do verbo ***philein,*** que significa gostar, amar; e do substantivo: ***sophia***, que significa sabedoria. O termo sabedoria, embora muito comum na filosofia, irá marcar muitas culturas. Nos livros sapienciais do Antigo Testamento, redigidos depois do Exílio babilônico (586 a + ou – 530 a.C.), a Sabedoria (com letra maiúscula) é apresentada como uma "Pessoa". Salomão, eleito rei e ciente de sua grande responsabilidade, reza a Deus:

> Envia-a dos teus santos céus,
> e do trono da tua glória manda-a,
> para que esteja comigo e trabalhe comigo,
> e eu saiba o que te é agradável.
> Pois ela conhece e compreende todas as coisas,
> e me conduzirá com prudência em minhas ações,
> e me guardará com a sua glória[1]. (Sb 9, 10-11)

Os versos acima mostram que a Sabedoria está acompanhando a Deus na obra de Criação, obra que inspira uma contínua admiração, assim como uma criança:

> Eu estava junto dele, ajustando (todas as coisas);
> eu era aquela em quem ele se comprazia dia após dia,
> alegrando-me continuamente diante dele.
> Eu me alegrava na parte habitável de sua terra
> e encontrava minhas delícias entre os filhos dos homens.
> Agora, pois, filhos, ouvi-me:
> felizes os que guardam os meus caminhos.
> Escutai a instrução e tornai-vos sábios,
> não a desprezeis[2]. (Pr 8, 30–33)

---

[1] Os textos bíblicos usados nesse artigo serão produzidos pelo ChatGPT a partir da tradução grega ***Septuaginta***. O texto original grego (da **Septuaginta**) utiliza termos como ***sýnesis*** (inteligência/compreensão) e ***phrónesis*** (prudência prática), o que indica que a "Sabedoria" aqui não é apenas especulativa, mas eminentemente prática — orientadora da ação moral e política (Notas do editor).

[2] O particípio grego associado à Sabedoria (***harmózousa***, "ajustando", "ordenando") permite compreender a Sabedoria não apenas como espectadora da criação, mas como princípio ativo de ordenação, o que, em termos filosóficos, aproxima o texto de uma concepção **cosmológica e teleológica da razão** (notas do editor).

Também, no livro de ***Eclesiástico***, ***Ben Sirá***, Ela – a Sabedoria – sai do trono de Deus, em busca de uma morada, um respouso, que se encontra na "Cidade Santa" e nas celebrações litúrgicas do Templo, como pode ser conferido em Ecleciástico, capítulo 24, versos 14 e 15: "Desde o princípio, antes dos séculos, fui criada, e por toda a eternidade não deixarei de existir. Na tenda santa, diante dele, exerci o meu ministério, e assim fui estabelecida em Sião". A Sabedoria, criadora da bela Ordem que mostra o Universo, revela-se ao conhecimento do homem quando se abre para ela. Nessa atitude de procura e de humildade, escutando sua voz no interior do seu coração, ***Ela*** causa a experiência da paz e de felicidade (Sb 7 e 8).

Os livros sapienciais, redigidos depois do Exílio, repercutem os pensamentos e sentimentos humanos da cultura grega daquela época, marcada por um pensamento mais próximo daquilo que entendemos por filosofia. Naquela época, a Filosofia era uma "escola de educação" (***Paideia***). Na porta do Templo de Apolo, em Delfos, estava escrito: "Conheça-te a ti mesmo" (***gnōthi seauton***); **e** chegou até nós em um framento de Heráclito, "Fui em busca de mim mesmo" (DK, B101)[3]. Sim, os grandes filósofos gregos eram contemplados como **mestres de espiritualidade**, e portanto, a **verdadeira filosofia** é conhecer e estar em busca da Sabedoria. Neste contexto, gostaríamos de fazer uma observação sobre a filosofia atual, e ressaltar uma das suas vertentes. A Filosofia contemporânea é marcada pela **Fenomenologia**.

Na obra *Metafísica* de Aristóteles, no livro Gama**,** o filósofo fala sobre **o ente**. Todas as coisas, enquanto **"são"**, particpam do **Ser (**grego: *einai*)**.** E, enquanto participam, sendo chamadas **entes** (plural do particípio ***ens***, do verbo ***esse*****, ser**), elas estão ligadas umas com as outras. E, justamente, **na** ligação é que, cada coisa se manifesta diferente, mostrando **um brilho *sui generis*.** A coisa "é" coisa, quando experimentada faticamente, e vista com olhar de um filósofo, ou artista, **num contexto** com inúmeras facetas. Este contexto se amplia sempre mais e mais até que **se percebe** o contexto de todos os contextos, chamado, em grego, de ***ho Lógos***, ou ***to Einai*****.**

O filósofo Heráclito registrou isso no fragmento 50, "Não a mim, mas ao ***Lógos*** tendo ouvido, é sábio concordar que tudo é um" (DK, B50)[4]. Tanto

[3] "*ἐδιζησάμην ἐμεωυτόν*" (DK B101).

[4] "*οὐκ ἐμοῦ, ἀλλὰ τοῦ λόγου ἀκούσαντας ὁμολογεῖν σοφόν ἐστιν ἓν πάντα εἶναι"* (DK B50).

a palavra ***hen*** (um), como a palavra ***pan*** ou ***panta*** (tudo, ou totalidade, todos) **transcendem a visão moderna de calcular**, qual seja, controlar e observar com **o olhar calculador[5]. Podemos dizer que tem dois tipos de ver. O olhar do filósofo e o olhar do cientista. O primeiro é um ver que se espanta**, **admira incessantemente**, enquanto o segundo oberva para controlar, **isola** uma coisa da outra. Não leva mais em conta ***ho Lógos***.

O *Lógos* faz com que todas as coisas sejam ligadas umas com as outras, e, desta maneira, elas possam mostrar uma "harmonia", que **espanta tanto o olhar como o ouvido**. Diz o mesmo Heráclito**:** "A harmonia invisível é superior à visível" (DK, B54)[6]. Ela brilha pelo ***Lógos***, isto é: pelo **Ser**, uma **Luz** que ilumina tudo. Aquela Luz parece fazer um jogo, isto é, o da invisibildade e da visibilidade. São os pintores com seus olhares sensíveis e especiais que se encantam com este jogo.

A Flosofia, como ontologia (discurso sobre o ente), pesquisa a origem (em grego, ***hè Archè***), tanto quanto pesquisa o fenômeno de **nascer**. Pesquisa a questão do ver, como **perceber**, à medida que, o que é percebido, aparece em todo seu frescor, como se fosse pela primeira vez. Ela, também, pesquisa a dimensão escondida e profunda, mas presente, na realidade superficial. Enxergar a superfície e, **na** superfície, a profundidade. É a harmonia "menos clara" (invisível ou não manifesta) do que a "harmonia clara" (visível), como diz o pré-socrático Heráclito (DK, B54).

No decorrer da História da Filosofia, começou a predominar um certo tipo de olhar (e pensamento) observador e contolador. ***Epistème,*** é como se chamava a filosofia. Ela tornou-se mais e mais **epistemologia,** em vez de **ontologia**. Mas, com **Edmund Husserl**, a filosofia ficou com um **olhar mais aberto** para o aspecto de mistério, aspecto da vida real e emocional que marca a **existência integral** do ser corporal-espritual que é o homem.

---

[5] A ideia de um "olhar calculador" está ligada ao conceito heideggeriano ***rechnende Denken*** (pensamento calculador), presente em textos como ***Gelassenheit*** (1955) e ***Bauen Wohnen Denken*** (1951) (notas do editor).

[6] "*ἁρμονίη ἀφανὴς φανερῆς κρείσσων*" (DK B54).

2 A PREDOMINAÇÃO DO ASPECTO DA RAZÃO DÁ LUGAR AO ASPECTO DO CORAÇÃO E DO DESEJO

O filósofo e matemático do século XVII, Blaise Pascal, certa vez, disse que "O coração tem as suas razões que a razão não conhece" (Pascal, Br 277)[7]. E, o famoso dramaturgo renascentista William Shakespeare, na peça teatral de ***Hamlet***, imortalizou-se com sua célebre máxima: "***There is more in heaven and earth then dreamed of in your philosophy***" (Shakespeare, ***Hamlet***, I, v). Aqui, ambas indicam uma abertura para o mistério. Nessa nova abertura para o mistério, a Filosofia valoriza mais o homem como um ser religioso.

Paradoxalmente, num mundo marcado pela técnica e a dessacralização, o filósofo Heidegger (1977), interpretando o poeta Friedrich Hölderlin, fala: ***os deuses fugiram***. Ora, neste mundo "pós-moderno", os homens estão de novo à procura pelo sentido da vida. O sentido da vida, desde sempre procurado, foi revelado nos grandes mitos que se contaram séculos e séculos, desde o "***Achsenzeit***", tempo de eixo (ou axial) (Jaspers, 1949) substituída pela filosofia na Grécia. Ela foi procurada também pelo filósofo alemão, Martin Heidegger, que, mais e mais, viu claramente no seu conceito fundamental do **Ser**, a manifestação do **Sagrado**. Visão essa, de modo magistral, apresentada na sua palestra sobre *Bauen Wohnen Denken* (Construir / Cultivar Morar Pensar) de 1951 em Darmstadt (Alemanha).

Este modo de lidar com a filosofia, desde o coração, do mistério e do sentido – em outros termos como uma ontologia – isso nos leva a desenvolver uma espécie de Filosofia da oração, que como toda oração, nunca está acabada. Levando em conta daquilo que aqui apresentamos a respeito da Ontologia, gostaríamos desenvolver um "projeto" de uma **Filosofia da oração.**

3 UMA FILOSOFIA DA ORAÇÃO – *MESTRE, ONDE MORAS?* (JO 1, 39)

A tradição cristã, inspirada em Agostinho, define belamente a oração como **"*respiratio animae*"**. Em nosso livro *A Fonte***,** dedicamos um capítulo à oração, partindo do **Evangelho de São João**. Citemos:

[7] "***Le cœur a ses raisons que la raison ne connaît point***" (Pascal, ***Pensées***, Laf. 423 / Br. 277.).

> A oração é um toque final, o acabamento da "obra" que constroí o ser humano pela linguagem. **LOGOS**.
>
> Rezar é abrir-se para **ouvir um Convite, um Apelo**!
>
> Rezar é uma linguagem que surge do silêncio e para lá volta! É um desejar "fazer parte de um grande Conjunto".
>
> Rezar é uma surpresa eterna, um festa interior, uma música interior do coração.
>
> Assumindo a atitude de oração, abre-se uma "solidão sonora", onde surge uma música, o sentimento de "ter encontrado seu lugar "na Terra e no Universo. (Van Balen, 2015, p. 217)

Nesse horizonte, a oração não se reduz a um ato religioso isolado, mas se revela como o ponto de convergência entre linguagem, interioridade e sentido. Ela é o lugar onde o ser humano, constituído pelo logos, reconhece-se como chamado e responde a esse chamado, não apenas com palavras, mas com a totalidade de sua existência. Ao emergir do silêncio e a ele retornar, a oração manifesta uma dinâmica ontológica profunda: ela não apenas expressa o humano, mas o configura, inserindo-o numa ordem maior de pertença. Assim, essa "solidão sonora" não é ausência, mas plenitude – um espaço onde o sujeito, ao escutar, descobre que já está em relação, já está situado, já participa de uma harmonia que o antecede e o excede.

3.1 *Quadratura*

O filósofo Martin Heidegger cunhou uma palavra fundamental: ***das Geviert***, na palestra sobre *Bauen Wohnen Denken* (Construir Morar Pensar) de 1951 em Darmstadt (Alemanha), Nela**,** repercute-se o mistério do número. A palavra alemã ***Geviert*** foi traduzida por **Quadratura[8]. O céu com os deuses imortais e a terra com os mortais se relacionando entre si não são, enquanto se relacionam, quatro** coisas isoladas, imaginadas pelo número **4**, mas a manifestação do Simples, do Um, ou como diziam os filósofos gregos antigos, do Uno. Gostaríamos, portanto, de propor uma

[8] A tradução de ***das Geviert*** como Quadratura foi proposta pela estudiosa de Heidegger, Márcia Sá Cavalcante Schuback, em sua publicação pelas Vozes. Victor Marques traduz como "Quadrângulo".

nova tradução de *Geviert*, qual seja, **"o abrangente, diferenciando-se no quadriforme"**.

Heidegger (2018) insiste na visão que ***das Geviert*** "clareia", se manifesta. Como? Ao se manifestar numa **coisa**, ele descreve a coisa que é **a Ponte** de Heidelberg, sobre **o rio Neckar**. Aquela coisa construída, que é a ponte, **concentra** e "coisifica", torna-se **ponto de referência**, e, finalmente, manifesta. Como? Graças à "coisa" (***das Ding***). *Das Geviert* (o abrangente distintamente quadriforme) concede ao ser humano a capacidade de **morar**, no espaço e no tempo, "na terra sob o céu".

3.2 O que significa morar?

É fascinante como o pensamento de Heidegger sobre o dom maravilhoso de morar brilha o mistério do **Ser**. O pensar do filósofo – assim nos parece – "parar no caminho". Queremos pensar, seguindo o filósofo, **mas caminhando mais longe no pensamento meditativo**, e escutando com fé: **" Os Anunciadores",** isto é, os "abrangentes quadriformes".

O Céu, com os seus habitantes, os deuses imortais, com os seus planetas girando e suas estrelas cintilantes, oferecendo a alternância fascinante de dia e de noite, com a chuva e o calor, **"fala", anuncia,** ao homem (ainda) religioso. Isto é, **o convida** a **fazer um ato de fé. Acreditar** com admiração em um **Deus pessoal**. O salmista canta:

> Os céus proclamam a glória de Deus
> E o firmamento anuncia a obra de suas mãos.
> O dia passa a mensagem ao outro dia
> E o outro conta a notícia a outra noite.
> Não é uma fala ben são palavras,
> Sua voz não se ouve. (Sl 18, 1)

O profeta Baruch também testemunha o mesmo: "[...] e as [estrelas] chama, e respondem: Aqui estamos. E jubilosas refulgem para o seu criador [...] Foi então que ela [a sabedoria] apareceu sobre a terra, onde ***permanece*** entre os homens" (Br 3, 35-38, grifo nosso). Somos convidados a **acreditar** em um único Deus, no Deus da Bíblia, que se revelou na história humana, **no fogo da sarça ardente**: Deus disse a Moisés **"Eu sou aquele que sou"**.

E acrescentou: Assim dirás aos Israelitas: " 'Eu sou' mandou-me a vós" (Ex 3,14)[9]. A ideia de morar permeia toda a Bíblia, tanto o Antigo como o Novo Testamento

O próprio filósofo Martin Heidegger diz, no fim da palestra ***Bauen Wohnen Denken***, que ainda não "sabemos" o que é morar. Ora, **morar é Ser**. O nosso "questionameno" com o filósofo é, junto com ele, perguntar: será que no **Ser**, o simples, um, uno , que se diferencia em ***Constuir, Morar, Pensar***, visto e meditado, de modo ontológico, como ***das Geviert***, não comportaria uma abertura que **convida** a "acreditar" que, **naquele** *Geviert*, não somente como "imortais no céu" que se relacionam com "os mortais na terra", mas também um só Deus, há uma manifestação de um **Deus pessoal**? Meditando sobre essa questão, podemos voltar ao significado dos números.

Os números, funcionando como cálculos, estão profundamente gravados no nosso imaginário. O número **1**, inicia a série de **1, 2, 3,** etc. As crianças na escola brincam com **o ábaco** para aprender a calcular. Porém, o mesmo número **1** possui facetas como de um diamante. Ele apresenta o Incalculável, **a Origem**, em grego: ***hè Arche***, isto é, aquela força, energia misteriosa, que acompanha e está atrás da nossa capacidade para calcular. Chama-se também o fenônemo de ***a priori***.

Na visão de Heidegger (2018), **a Origem** se manifesta, ilumina, clareia, facetada no quadriforme (*das Geviert*), isto é, no céu com os divinos imortais, e a terra com os mortais, que são os seres humanos que **se comportam construindo e morando**. Por outro lado, na visão religiosa, a palavra cunhada pelo filósofo, ***das Geviert*****,** é, de fato, igual a palavra filosófica de *ho Logos*, e de **Ser**. Heidegger incentiva os ouvintes a **admirar-se sobre o encanto** de viver como ser humano na terra sob o céu, e, daí, oferece-se **uma apresentação de uma Filosofia**.

Lógos significa a força misteriosa que une e difenecia todas as coisas de tal modo que brilhe uma paz e se deite sobre tudo uma luz suave. ***Lógos*** significa o que faz com que tudo esteja estruturado e concentrado. É a força que reconcilia e paradoxalmente une o que parece oposto. A vida e a morte.

[9] Na Septuaginta, temos: "Deus disse a Moisés:**"Eu sou Aquele que é"** (*ἐγώ εἰμι ὁ ὤν*). E acrescentou: "Assim dirás aos filhos de Israel: **'Aquele que é me enviou a vós'**."

Faz irradiar o Invisível no visível. **A morte se torna uma *passagem***. O ***Lógos*** é, segundo o filósofo pré-socrático Heráclito, "***hen ka pan***", "o um e tudo".

4 A SABEDORIA COMO *LÓGOS*: A BOA NOVA DE JOÃO

Para os primeiros Padres da Igreja, influenciados tanto pela cultura grega, marcada pela filosofia da época, como pelos livros sapienciais da Bíblia, meditando sobre Jesus Ressuscitado e celebrando na liturgia este mistério, descobrem a profundeza das palavras do Evangelho de João. Os Padres da Igreja **veem e ouvem** as repercusões, vindo do Evangelho, das reverberações das frases lapidares, começando com: "Na **Origem** (***en tei Archei***) existia **o Verbo** (grego ***ho Logos***) e o Verbo estava junto de Deus e o Verbo era Deus" (Jo 1,1).

O Prólogo, o Prélúdio do Evangelho (**Jo 1, 1-18**), é de fato um cântico litúrgico: "E **o Verbo** (***ho Lógos***) se fez carne e veio **morar no meio de nós**" (**Jo 1, 14)**. **O Verbo (*Lógos*)** é a linguagem que **nomeia**. Nomeia o Inexplicável, a força criativa, sendo **uma luz fulgurante** (**Jo 1, 4-5)**. Aquela luz se revelou como **uma Pessoa**, que a Bíblia chama Deus, ***YHWH*** e que recebeu, ao cume da História da Salvação, traços humanos em **Jesus de Nazaré**. **O evangelho de João, fruto das celebrações litúrgicos**, medita sobre este mistério da Revelação histórica de Deus.

Na filosofia, como ontologia, reflete-se sobre **a Origem**. Ela é **pura clarão**. Como esta Luz ilumina uma coisa? Ao ocorrer, a coisa aparece **como tal**, diz **Aristóteles** na Metafísica (*to ôn hei on*, livro Gama). Agraciada com um brilho, a coisa **irradia,** e todo seu ambiente e redondeza entra também numa luz. Inicia-se um movimeno misterioso de reciprocidade de doar e receber. A filosofia quer **perceber** o fenômeno iluminador de gratuidade.

A Origem é um surgir contínuo de manifestar-se, enquanto o homem atento a respeita, cheio de admiração. Ela revela **o Sagrado**, de que **Rudolf Otto** (2007), no seu livro *Das Heilige* **(O Sagrado),** diz que é o **Numinoso**. O homem, aproximando-se do Sagrado, fica com "medo"(respeito) e fascinado, atraído, ao mesmo tempo. (cf. **Ex 3, 5**). **O espanto** é o sentimento fundamental que acompanha, de modo concomitante, o verdadeiro filósofo durante o seu pensar. O espantar que nunca o abandona, vem da própria

Origem. Ele é um aspecto **da Sabedoria, do *Lógos***.

Os poetas e artistas são inspirados para "nomear", e **fazer ouvir e ver** a coisa, sobre a qual a Origem espalha sua luz. Uma destas coisas é **a Fonte**, e citamos a poesia de Conrad F. Meyer (1986):

> **O manancial romano**
>
> Sobe o jato d' água e ainda verte
> Enchendo a concha redonda de mármore.
> Que, plena s'água, transborda
>
> No funda de uma segunda concha.
> Enriquecida, a sgunda doa
> O fluxo ondulante à terceira.
>
> Cada uma, ao mesmo tempo,
> Recebe e doa
> E fluindo, descansa

Aquela realidade fontal, isto é, **o perene surgir** do movimento de **doar e receber,** que é o mistério **de Um – segundo o filósofo Hideger**. O Ser é a Origem, a Unidade, o Simples, a Ordem, o Conjunto e a Totalidade. **É *Lógos*!**

Jesus rezando executa e realiza uma obra; **ele é o *Lógos***. Como? O que significa ***Lógos?*** Na filosofia é perguntado: o que faz com que todas as coisas tenham a ver umas com as outras? O que faz com que uma ordem seja uma ordem? Por que o ser humano se realiza através do trabalho, através de sua criatividade? O que é uma obra de arte? O que quer dizer "constuir" uma cidade? E quem sou eu? Todas estas questões fundamentais da filosofia podem ser resumidas na pergunta: o que significa falar?

Atrás de tudo está presente o sonho, no âmago do coração, **gostaríamos de fazer parte de um grande Conjunto**, um sonho de **amor**! Sonho que se realiza e que se celebra na autêntica oração. **Jesus, o *Lógos*, reza, irradia uma luz, iluminando tudo ao seu redor**, pois ele, o ***Lógos*, se fez um ser hmano** (**Jo 1, 14**). Como humano, ele se linguistificou: "Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim e por meio da sua palavra. **Para que todos sejam um, como tu, Pai, que és em mim e eu em ti, para que também sejam um em nós, a fim de que o mundo saiba que tu me enviaste**" (**Jo 17, 20-21)**.

4.1 O *Lógos* também reza: a luz

A **Oração sacerdotal** de Jesus, encontrada no Evagelho de João, repete **6 vezes** a palavra **Pai, 17 vezes,** o verbo **dar, doar** (grego: ***didoni***), **5 vezes,** os verbos que estão intimamente ligados com o ato de doar, **3 vezes, guardar, preservar, cuidar** (grego: ***tereein***), e **uma vez acolher** (grego: ***lambanein***) e **proteger** (grego: ***phulassein***). Nesses verbos, florindo os lábios de Jesus, *o Lógos orante*, manifesta-se **como Ser**, mas, também, como Luz.

A Luz se vê com os olhos, que também são, como Goethe costuma dizer, "***sonnenhaft***" (algo do próprio sol). A primeira palavra de Deus era **"haja luz" (Gen 1, 3**). Deus deu aos homens discernimento, língua, olhos, ouvidos e coração para pensar. E cumulou-os de instrução e de saber. Deus-lhes também a ciência de espírito, encheu seu coração de bom senso e mostrou-lhes o bem e o mal. Como está escrito no livro de *Ben Sirá*: "Pôs seu olhar nos seus corações; mostrando-lhes a grandeza de suas obras**" (Ecl 17, 5-7)**. Falando, o ser humano "sai a lume". Ele próprio, sendo iluminado pela *lumen naturale* (o dom de ***a priori***) ele dá um nome às coisas, e elas recebem **um brilho**. **A Linguagem (*Lógos*)** é como o Sol que despontando, ilumina tanto o olhar, como tudo o que é visto, com as cores de tonalidades fascinantes e variantes.

Os sinóticos narram que, quando Jesus sobe a Jersualém, ciente que vai sofrer e ser entregue às mãos dos pecadores (**Mc 8, 32; par.**; segundo anúncio da paixão), e, enquanto está rezando no monte Tabor (**Lc 9, 28-29**), ele se torna **transfigurado**, o corpo e o rosto, irradiando a luz, a luz que vem de Deus. **O evangelho de João** não relata a ***Metamorphôsis*,** mas todo o Evangelho irradia a luz. **Luz da vida** (**Jo 1, 4-5**) que espalha e irradia em cada sete sinais, (**cf Jo 1, 19-12, 50**) o júbilo de existir, a luz do Amor entre Deus que é **Pai**, e, permanecendo "no seu seio", **o Filho unigénito irradia a luz da obra que é a fé** (**Jo 6, 29**).

As palavras de **Jesus orante** no evangelho de João refletem a luz fulgurante como de um diamante de facetas vivas e cintilantes. Sim, **Luz e som**, virando **um cântico litúrgico** acompanhado pelos instrumentos, **ouvido e visto na figura de Jesus orante**. A Oração de **Jo 17,1-26** é chamada "sacerdotal", porque, espiritualmente, rezando na sala da última ceia, ele

se mantia em oração. Estando já na agonia de Crucificado, a sua oração era "um sacrifício perfeito". Na tradução das Edições Paulinas, lemos em Jo 17, 1-26, a Oração Sacerdotal de Jesus:

1. Assim falou Jesus, e, levantando os olhos ao céu, disse: Pai, chegou a hora, glorifica o teu Filho, para que teu Filho te glorifique a ti,
2. e, pelo poder que lhe deste sobre toda criatura, dê a vida eterna a todos os que lhe deste.
3. *Ora a vida eterna é esta: Que te conheçam a ti como um só Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste* (*versículo inserido pelo evangelista*).
4. Glorifiquei-te sobre a terra; acabei a obra que me deste a fazer.
5. Agora, Pai, glorifica-me junto de ti memso, com aquela gloria que tive em ti, antes que houvesse o mundo.
6. Manifestei o teu nome aos homens, que me deste do mundo; eles eram teus e tu mos deste; eles guardaram a tua palavra.
7. Agora conhecem que todas as coisas que me deste, vêm de ti,
8. Porque lhes comuniquei as palavras que me confiaste; eles as receberam, conheceram verdadeiramente que eu saí de ti e creram que me enviaste.
9. É por eles que eu rogo; não rogo pelo mundo mas por aqueles que me deste, porque são teus;
10. Todas as minhas coisas são tuas e todas as tuas coisas são minhas; e nelas fui glorificado.
11. Eu já não estou no mundo, mas eles estão no mundo, e eu vou para ti. Pai santo, guarda em teu nome aqueles que me deste, para que sejam um, assim como nós.
12. Quando eu estava com eles, eu os guardava em teu nome. Conservei os que me deste; nenhum deles se perdeu, exceto o filho da perdição, cumprindo-se a Escritura.
13. Mas agora vou para ti; e digo estas coisas, estando ainda no mundo, para que eles tenham em si mesmos a plenitude do meu gozo.
14. Dei-lhes a tua palavra, o mundo o odiou, por que não são do mundo, como também eu não sou do mundo.
15. Não peço que os tires do mundo, mas que os guardes do mal.
16. Eles não são do mundo, como eu também não sou do mundo.
17. Santifica-os na verdade. A tua palavra é a verdade.

18. Assim como tu me enviaste ao mundo, também eu os enviei ao mundo.
19. Por eles eu me santifico a mim mesmo, para que ele também sejam santificados na verdade.
20. Eu não rogo somente por eles, mas também por aqueles que hão de crer em mim e por meio da sua palavra;
21. Para que todos sejam um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti, para que também sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste.
22. Eu dei-lhes a gloria que tu me deste, para que sejam um, como também nós somos um.
23. Eu neles e tu em mim, para que sejam consumados na unidade, e para que o mundo conheça que tu me enviaste e que os amaste, como amastes também a mim.
24. Pai, quero que, onde eu estou, estejam também comigo, aqueles que me deste, para que contemplem a minha glória, a glória que me deste, porque me amaste antes da criação do mundo.
25. Pai justo, o mundo não te conheceu, mas eu te conheci; e estes conheceram que tu me enviaste.
26. Fiz-lhes e far-lhes-ei conhecer teu nome, a fim de que o amor com que me amaste, esteja neles e eu neles.

4.2 Consumados na unidade (Jo 17, 23)

Voltando a Heidegger, a expressão ***das Geviert*** é bela e sugestiva. **Ela evoca** o Universo, o céu com os planetas do sol e da lua, fazendo a suas trajetórias, circulares e fascinamtes, e as estrelas cintilantes durante a noite, com os peixes no mar e aves no ar voando. **Evoca** a terra com os homens, cultivando a terra, cuidando dos animais, plantando para poder sobreviver na estação do inverno feroz, e construindo cidades e pontes. **Evoca** o espaço e o tempo, as quatro estações e os quatro nortes que constituem o sul e o norte, o este e o oeste. Devido a tudo isto, o homem mortal, morando na terra sob o céu, pode orientar-se na sua vida, e celebrá-la. A visão bíblica canta este místerio. Mencionamos especialmente os salmos **8, 63, 103**, **144, 150**. belas poesias da narração da Criação, contada **do primeiro capítulo do livro de Gênesis**. **Da bondade e genorosidade de Deus**, manifestada na

natureza no meio de qual o ser humano sobrevive e vive e louva o Criador.

Durante inúmeros séculos, os mitos apresentam, nos ritos e contos, este mistério, ate que a filosofia grega, desde **os Pré-socráticos**, orienta-se no que está atrás de tudo isto. Chama-se **o *Lógos*, o Uno, o Simples**, que faz com que tudo no universo manifesta uma **coerência, um conjunto, uma totalidade.** Heidegger focaliza, como filosófo, a sua visão, inspirada na mitologia e na filosofia grega, falando sobre *das Geviert*. O homem bíblico e religioso, porém, focaliza, **como aquele que acredita**, sua visão, falando de **Deus uno e Criador**.

O livro de Gênesis, composto no século VI a.C., após o exílio babilônico, começa com a frase: "No princípio Deus criou o céu e a terra. A terra estava sem forma e vazia, as trevas cobriam o abismo e o Espírito de Deus **pairava** sobre a superfície das águas. Deus **disse: Faça-se a luz**. E a luz foi feita" (**Gen 1, 1-3)**. Deus é **Aquele que fala**. Onze vezes se repete, no primeiro capítulo de Gênesis: "***Waiomer Elohim*"**[10] (E Deus disse...)

No evangelho de João, tão filosófico e teologíco, **repercute** tudo o que mencionamos aqui em cima. O ser humano que é **Jesus** (254 vezes encontramos o nome no evangelho) **é também o *Lógos***, a **Lingugem**. O visível e o Invisível se encontram, como já entoou com tons musicais **o Prólogo**. O sentido profundo e teológico da **Transfiguração** (***Metamorphosis*)** que **os sinóticos** nos transmitem como uma cena, permeia, fulgurando, também muitas das páginas do **evangelho de São João**. Citemos algumas:

- **Jo 1, 4:** Nele estava a vida e a vida era a luz dos homens. **A luz brilha nas trevas, mas as trevas não a acolheram**.
- **Jo 8, 12**: **Eu sou a luz do mundo**; quem me segue não andará nas trevas, mas terá a luz da vida (**cf Jo 9**, a cura do cego desde o nascimento. **Jesus** revela o verdadeiro nome de Deus, que uma vez se tinha revelado com o nome **Sou aquele que sou** (**Ex 3,14**), o nome agora é o nome puramente relaciobal e musical "**Pai**," e o Verbo dele, Jesus, é **o Filho, filho único** (cf **Jo 1,18**, último versículo do Prólogo).
- **Jo 17, 6:** Manifestei o vosso nome aos homens que deste do mundo: eles eram teus e tu mos deste. Eles guardaram tua palavra.

[10] סיהֹלֶא רֶמאֹיַו.

4.3 A *perichôresis* (a Circulação) do morar

Os exegetas falam a respeito da relacão entre Pai e Filho, sobre **a *pericorêsis.*** Do grego, *peri (que significa: ao redor, a respeito de)* , e *choras* (que significa: espaço). **O espaço** (grego:***Chôra***) entre Pai e Filho parece um círculo, infinitamente, ao mesmo tempo se abrindo e fechando, em que distância e aproximação, horizontal e vertical, ao mesmo tempo, fazem **um movimento circular** em que **brilha a feliz coincidência** do início e do fim. O Pai **é** Pai (no sentindo dinamico), enquanto Ele sai de si e se dirige ao Filho, " Flho unigênito no seio do Pai" e o Filho, **dentro do mesmo movimeno circular**, **é** (torna-se) Filho, enquanto se orienta ao Pai, numa escuta jubilosa (Cf **Jo 5; 12, 44-50**: **Mt 11, 25-27; par. Lc 10 21-24).**

João exorta**: "**Ninguém pode vir a mim, se o Pai que me enviou, não o atrair, e eu o ressuscitarei no último dia. [...]. Todo aquele que ouve o Pai e dele aprende, este vem a mim. Não que alguém tem visto o Pai, porque só viu o Pai aquele que vem de junto de Deus (**Jo 6, 44-48)**. Isso significa que aquele que crê – aqui poderíamos dizer, "mora" – tem a vida eterna, pois "Eu sou o pão da vida, vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. Este pão é que desce do céu para que nào morre quem dele comer"

Há várias passagens no evangelho de João que poderíamos citar a fim de mostrar essa relação pericorética e ao mesmo tempo "moradia".

- **Jo 11, 27-30:** Minhas ovelhas atendem minha voz. Eu as conheço e elas me seguem. Eu lhe dou a vida eterna: elas jamais perecerão e ninguém as arrebatará de minha mão. Meu Pai que me deu as ovelhas é maior que todos, e ninguém pode arrebatará-las da mão de meu Pai. **Eu e o Pai somos um**.
- **Jo 14, 8-11:** Disse lhe Jesus: Faz tanto tempo que estou convosco. E tu não me conheces? **Quem me viu, viu o Pai**. Na medida em que o evangelho progride, volta a melodia do **"ser em",** tema já inauguado, quando João trata da Eucaristia (**João cap 6, e 15**).

Assim, o próprio Deus se alegra, espalhando a sua **própria luz (*doxa*)**, quando os fiéis, os ouvintes de seu Filho, **pelo ato de fé e oração** (a obra que **o Pai deseja) vão morar junto Dele. *Perichôresis*, portanto**, significa: o Pai **mora** no Filho e o Filho **mora** no Pai. Com aquela pergunta: **Mestre onde**

moras? Jesus responde: **Vinde e veja**, a partir da qual se inicia a narração da Boa Nova. (**Jo 1, 38-39**).-Despedindo-se dos apóstolos na sala da última ceia, Jesus lhes abre a perspectiva consoladora **de ficar com eles**.

> Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se não, eu vos teria dito; vou preparar-vos um lugar, Depois de ter ido e vos ter preparado um lugar, voltarei e vos tomarei comigo, para que, onde eu estiver, vós estejais também. **E vós conheceis o caminho**. **(Jo 14, 2-4)**

Deus, definitivamente quer, que seu ser, sua Pessoa, seu ***Lógos***, sua Luz, seja partilhada, é o que diz a ***Lumen Gentium***, número 1. Ele é partilhado, em linguagem heideggeriana, como um "**ser-em"** (*Mitsein*), graças a Jesus (Heidegger, 2012). Aquele desejo repercute **um convite** de Jesus: "Vinde a mim, vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós e recebei minha doutrina, porque eu sou manso e humilde de coração e achareis o repouso para as vossas almas. Porque meu jugo é suave e meu peso é leve" (**Mt 11, 28-30)**. O Pai de Jesus, torna-se, junto com Jesus, o "nosso Pai" (**Mt 9,13**). Cf as três parábolas de Jesus em **Lucas 15. Vale a pena ainda citar**: "Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, viremos a ele, e faremos nele nossa morada" **(Jo 14, 23)**, um belo acordo final da frase lapidar de **Jo 1, 14**).

Tudo **repercute** na **Oração sacerdotal de Jesus**, em que Ele abre o seu coração, ardendo de amor. **Repercute** o belo unissono de **Pai**: eu te amo, do **Filho**: tu és meu. Assim, "Rogo por aqueles que me deste, porque são teus e tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu e neles eu sou glorificado" (**Jo 17, 9-10**); e "Pai, **quero que** onde eu estiver, estejam também comigo aqueles que me destes, para que contemplem minha glória que me destes, porque me amastes antes da criação do mundo" (**Jo 17, 24)**. Sim, Deus (**Ex 3, 14**) quer que o seu Ser, a sua Pessoa, seja partilhado (LG, *Introdução*).

5 A ORAÇÃO: A MORADA DE JESUS

Jesus fala à samaritana sobre a fé intimamnte ligada com a oração. Ele aborda com ela, a questão da oração dizendo que a fonte é o prorio Deus. João mostra a profundidade da oração: "Mas vem a hora, e já chegou, em

que os verdadeiros adoradores adorarão **em espírito e verdade**, porque é **destes adoradores que o Pai deseja"** (**Jo 4, 23)**. Quem adora em espírito e verdade, deseja orar. **Desejar** significa em grego, ***zèteein*** (procurar de modo intenso). Jesus fala do íntimo desejo do próprio Deus. **Deus deseja um retorno para seu amor**. Este retorno é a fé, que se mostra no ato de oração (**Cf Jo 6, 29)**. **A fé** é um ato paradoxal: A pessoa se sente, na fé, sozinho e, ao mesmo tempo, experimenta a presença do totalmente Outro, que é Deus. E é o próprio Jesus que plenamente cumpre este desejo, o que alegra o Pai.

Rezar é, portanto, fazer **borbulhar** no coração a água viva (**Jo 3,14**). A água permeia as narrações do evangelho. Por este ato da fé, que é a oração, o próprio Jesus desejava ardentemente. Era a sua sede, sede pela fé. Por isso, ele aceitou ser crucificado. A penúltima palavra na cruz foi: "Tenho sede!" (Jo 19, 28). Belamente, canta o Prefácio do 3ª Domingo da Quaresma (ano A)

> Ao pedir à samaritana que lhe desse de beber,Jesus lhe dava o dom de crer.
>
> E, saciada sua sede de fé,
>
> Lhe acrescentou o fogo do Amor.

A oração de Jesus surge, como uma fonte, da eternidade. Abrange todo o tempo e espaço, e volta para a Eternidade. **Nela brilha a Origem**. Jesus rezando, **resplandece a luz de Deus (**grego: **hé doxa)**, criando Universo e suas belezas por uma só palavra **(Gen 1, 3**). Na sua oração, Jesus partilha a sua própria felicidade (**Jo 15, 11; 17, 13**). Rezando, Ele mostra **o íntimo desejo de seu coração: Ele quer assumir na sua oração**, a oração que surge, como um desejo íntimo do coração de cada ser humano, criatura de Deus (**cf João 4**). Aquele desejo profundo, desejo pela fé (**Jo 4**) é: participar do amor do própio Deus Pai, e que Este partilha com o seu Filho único, **o Verbo, (*ho Lógos*)** que se tormou visível em Jesus de Nazaré **(Jo 1, 14)**.

Em **Jo 17, 26**, é possível ler: Eu lhes dei a conhecer vosso nome e lhes darei conhecê-lo para que neles esteja **o amor com que me amastes e também eu esteja neles**. Nesta oração de **Jesus, o Verbo encarnado**, repercutem as suas palavras fulgurantes, ardendo de amor, de **Mt 11, 25-30** em que ele insiste no seu **convite em uníssono com o Pai: Vinde todos a mim (v. 26)**. Deste modo, este convite é **uma Filosofia da oração, pois rezar é morar**.

O evangelho de João nos informa, como dois ouvintes seguiram Jesus e peguntavam: **Onde moras?** Jesus, por sua vez, responde, "vinde e vede". Um deles se lembrou exatamente o horario deste encontro inesquecível: "Era pelas quatro horas da tarde (**Jo 1, 39**). Hora, em **Jo 17, 1, diz: "Pai, chegou a hora"**, mostra uma entoação da Oração sacerdotal.

Em **Jo 13, 36**, "**Para onde vais, Senhor?**", perguntou Pedro. Respondeu-lhe Jesus: "**Aonde vou**, tu não podes seguir-me **agora**, vais seguir-me mais tarde". Jesus se dirige para a cruz e é por ai, **neste lugar**, **onde** Ele, abandonado pelos homens, encontra **o seu lugar de morar.** O evangelista faz questão de indicar o lugar e o seu nome onde a Cruz vai "ser elevado" (**cf Jo 12, 32**).

Em **Jo 19, 17-19, é possível ler: "**Levaram, pois, Jesus. **Carregando sua cruz**, saiu para **o lugar chamado o Crânio, em hebraico *Gólgota***. Ali o crucificarame com eles outros dois, um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos redidiu também uma inscrição e mandou ficá-lo da da cruz. Nela estava escrito: **Jesus nazareno, rei dos judeus"**. ***In cruce decus* – Na cruz está a beleza.**

A Cruz ja está presente desde o Prólogo. Em **Jo 1, 5, lê-se:** "A luz resplandece nas trevaa, e as trevas não a compreenderam (receberam)". **A Cruz** é, além de um fato histórico, a revelação do Sagrado. Está "inscrito" na Eternidade. Revela **a Glória**, isto é **a Luz** (grego: ***doxa***) de Deus. **Se vê nela, o que se ouve** na "badalada" de Jesus pregando: "Aquele que se levanta, será humilhado, e aquele que se humilha, será levantado". **Três vezes** (**Jo 3, 14; 8, 28; 12, 32**) Jesus fala sobre o mistério da Cruz como "ser levantado" (grego: ***hupsein***) como se fosse num trono real.

A cruz é um design. Como? Esta inscrito na eternidade e na temporalidade, No fundo do coração, como seres relacionais, somos chamados a dizer: "não eu, mas Tu [...] seja feita a tua vontade..." (**Mc 14, 36**). Ou ainda, "Eis me aqui, faça-se segundo a vossa palavra" **(Lc 1, 38**).

5.1 O gesto e o soldado romano

Há uma perícope especial que gostaria de retomar em Lc 2, 1: "No ano décimo quinto do reinodo do imperador Tibério, sendo Poncio Pilatos

governador da Judeia [...] veio a palavra do Senhor no deserto a João, filho de Zacarias". **Jesus** está morto, ainda se ouve o eco do estertor. Um soldado romano aproxima-se. Para testar o óbito, lança ***linea reta*** o dardo para **o alvo**. **Perfura**, dilarecando profundamente **o flanco** (grego*: **hè pleura***) do corpo sangrando, e, diz o evanvelho, "imediatamente", brota **uma nascente**, saltando das profundezas, **um manancial** (**Jo 4, 14 e Jo 7**, **37-38**). Jesus é a fonte, quem beber desta agua, jamais tera sede.

A cena, do soldado romano que perfura o lado de Jesus, após a sua morte (Jo 19,33) é a apresentação de um **"Acontecimento"**, é **o raio de relâmpago, rasgando a escuridão** (C**f Sl 17, 8-16, e contexo)**. Como, e por que? Porque o soldado, pela **sua lança**, símbolo de guerrear, destinado para matar, implacavel- e cruelmente inimigos, animais e aves do céu, e mesmo símbolo ornamental de um soldado, **perfura o *Lógos*, que era no princípio (Jo 1,1). O *Lógos* que se encarnou e habitou entre nós (Jo 1, 14)**.

Jesus ja tinha dito, rezando durante uma agonia antecipada, antes de morrer na cruz, e plenamente lúcido de seu destino doloroso: "Agora a minha alma está perturbada. Mas que direi? Pai, salva-me **desta hora**... Mas é exatamente para isso que vim a **esta hora**". **Pai, glorifica o teu nome**"! (**Jo 12, 27-28).** Nisso veio do céu uma voz: **Já o glorifiquei e tornarei a glorificá-lo" (cf Mc 14, 36).**

O gesto do soldado, recebido na lenda, o nome de seu instrumento e oramento de soldado (grego: ***longhè***, igual a **dardo, lança**) **Longuinho, faz com que se visualize e repercute** a palavra **do LOGOS encarnado**, "Quando eu for levantado da terra, atrairei todos os homens (tudo, grego: **panta**) a mim". **(Jo 12, 32)**. **Repercutem** as grandes intuições da filoofia grega, do pré-socrátco **Heráclito** por ex. **Frgm 50:** É sabio, ouvindo não a mim, mas o logos, concordar que todas coisas são uma.

Fulguram as Teofanias do Antigo Testamento (**Ex 19, 16-24; Sl 17; 103, 104)**. **Repercutem as intuicões da filosofia grega sobe o Ser como o Fogo (**grego: ***to Pur*)**, Citamos **Heráclito**, "O relâmpago governa tudo" (DK B64). **Naquele gesto** se abre a música de trombetas de louvações, repercutando **nos cânticos do Cordeiro imolado**, **no livro de Apcalipse**.

O gesto inspira a música da liturgia, dos ouvidos de grandes compositores, **de Amadeus Mozart** (1791),

Ave verum, *corpus natum*
De Maria virgine.
Vere passum, immoltum
in Cruce pro homine,
cujus latus perfuratum
fluxit aqua et sanguine
Estou nobis praegustatum
in mortis examine.

O gesto dá a Origem à liturgia batismal e Eucarística, Canta **o Prefácio da Festa do Sagrado Coração de Jesus**:

Elevado na Cruz,
Entregou-se por nós com imenso amor.
E de seu lado aberto pela lança
Fez jorrar, com a água e o sangue,
Os sacramentos da Igreja,
Para que todos, atraídos por seu coração,
Pudessem beber com alegria,
Na fonte salvadora. (Missal Romano, 2023)

Nosso ensaio quer desenvolver uma **filosofia da Oração**. Reflintindo sobre o Evangelho de João, iiciando com as frases lapidares filosóficas sobre **o *Lógos***, descobrimos agora **A Equiparação entre o *Lógos***, do Evangelho, fruto da meditação e celebração litúrgica dos primeiros cristãos. **O *Lógos***, da filosofia grega. **A Sabedoria**, descrita nos livros sapiencais **Jesus, cuja vida é marcada pela Cruz**.

A Cruz, manifestando **a glória (Luz) de Deus (cf Gen 1, 3. Jo 1, 5, 8, 12, e contexto)**. agora **fulgura como um design.** ***Per crucem ad lucem***. Queríamos iniciar um diálogo com um filósofo que representa a grande tradição filosófica do Ocidente, **Martin Heidegger**. **O Ser**, o que é? **O *Lógos*, a Linguagem, Simples, o Um, a Quadratura. Mas O SER**, **a Alètheia**, **se manifesta**, e, ao mesmo tempo, **se retrai**. Todo este mesmo mistério, que eternamente encanta um verdadeiro filósofo, recebeu **em Jesus de Nazaré**, traços tão humanos, humanos e divinos. Como aproximar-nos deste Mistério? **Agraciados, podemos agora aproximar-nos deste Mistério no gesto de Oração**. Citamos o grande Orante **Santo Agostinho (Conf I, 1)**:

Irrequietum est cor nostrum,
donec requiescat in Te, Domine.
Tu fecisti nos ad Te.

Pelo gesto de Longuinho chegou o momento especial, o **"agora"** da Crucificação. Em grego: ***hè hôra*; Jo 2, 4; 4, 21; 12, 27-28; Jo 17, 1**. A Cruz de Jesus, **um fato histórico**, é **um design**, design inscrito no Universo, e sim, inscrito no próprio Deus trinitário. E daí, inscrito nos corações de todos os seres humanos. **The Cross of Christ, a standing fact for all times** (**John Henri Newman)**. A descrição da Crucificação, no evangelho de João, é de uma inefável pofundidade. **Contem um sentido ontológico, filosófico**. Havendo Jesus tomado o vinagre, disse: **"Tudo esta consumado"**. (grego: ***tetelestai*)**. Inclinou a cabeça e entregou o espírito. [...] mas **um dos soldados abriu- lhe o peito com uma lança** e imediatamente **saiu sangue e água (Jo 19, 34)**.

O Verbo de Deus, grego: **ho LOGOS**, passou por uma verdadeira **agonia**. Realizou **a sua obra (Jo 4, 21; 14, 10-14; 17, 4)** em que fez **brilhar a luz de Deus trinitário**. Uniu a si a Igreja, saindo do seu lado aberto **A Igreja, constituída pelos sacramentos do batismo e da Eucaristia**. Sim, ele celebra na Cruz **o seu casamento místico (cf Ef 5, 21-33)**. **As bodas do Cordeiro**

Tetelestai (Consumado), a expressão da ultima palavra de Jesus na cruz (no evangelho de JO 19,30) é uma Ressonância, vindo de longe, de **Logos,** de **Um,** de **Simples (alemão *der Einfalt***), de ***das Geviert***. **Do SER!**

A tradução conhecida de **Quadratura** gostaríamos de substituir por: **O Abrangente (Envolvente) se diferenciando no quadriforme**. Todos os pensamentos de Heidegger, da sua palestra de Darmstadt (1951) sobre **Construir, Morar, Pensar**, marcando o fundamento do comportamento humano, **convergem para o Ser. O Ser, o *Lógos*, é o Abrangente.** Com a conotação de **Proteger, Abrigar.**

Para nós cristãos, o Deus que se revelou a Moisés como **uma Pessoa**, manifesta o seu nome como : **Sou Aquele que sou**. Mas o que é **um nome?** O verdadeiro nome, isto é a sua Pessoa, Deus revela, iniciando uma história comovente de relacionamento com o povo eleito. Depois do Exílio babilônico (586-530), o povo redimido se apega a seu Deus, e canta, carinhosamente e com respeito, o seu Nome (**YHWH, Adonai 825 vezes repetido nos salmos). Cf O Cântico dos Cânticos 1, 3**. Depois do Exílio, vem outro nome,

preparando o nome "que é cima de todos os nomens" (**Fil 2, 6-11**), o nome de **Messias**.

Jesus se revela, ao fim do diálogo com a samaritana, como **o Messias**: **Sou eu** que fala contigo. **Belo desfecho do diálogo com a samaritana Jo 4, 26** . A expressão **"Eu sou",** aparecendo aqui pela primeira vez, contem também, além das lembranças bíblicas do Antigo Testamento, repercussões do pensamento ontológco-filosófico sobre **o SER**.

Evoca a criatividade, a alegria, a coragem, a beleza da existência humana, o milagre de viver como ser humano na terra sob o céu/ o erguer do desânimo, a inspitação dos profetas e artistas, o dom do cântico e a força invencível da esperança, a bondade, a fraternidade e beleza.

O Ser é Dom, Doação. Na escuridão e solidão da noite e da morte, faz-se sentir como água cristalina, como realidade fontal. **Mistério da Cruz**.

TETELESTAI. CONSUMADO: *Amenizando o tom, a Palavra começa a repercutir*

Im Verklingen klinkt das Wort (M.Heidegger). A última palavra de Jesus orante na agonia, em grego e em tradução portuguesa, contem quatro sílabas: TE-TE-LES-TAI. Pura linguagem, prolongando **a repercussão**, como uma badalada redundante, para os confins do mundo e todas as regiões do Universo, ate o fim da história dos homens, vivendo na terra sob o céu.

A META.

Grego: To TELOS

A palavra grega To Telos é o substantivo do verbo ***teleein*****,** significa tanto **fim** como **finalidade** (**meta**), a Perfeição, o Supremo, o Acabamento, sugere o "esplendor da Ordem", a **Ordem**, outra palavra para o **LOGOS**. Sim, o Crucificado entoa o Cântico, que os habitantes do Céu estão cantando. (**cf Ap 5, 11-14**).

Tetelestai, consumado, "tudo o que fiz é muito bom". **Repercute** nesta última palavra de Jesus o que Deus disse quando viu no sétimo dia o Acabamento (telos) da obra da Criação.

Gen 1, 31:

Deus viu tudo que havia feito, **era muito bom**. [...].

Gen 2, 1:

Asim foram **finalizados (**particípio passivo do verbo grego ***teleein***) o céu e a terra com todos os seus elementos.

O círculo (cf a Perichôresis) desdobrando e dobrando, se fecha.

O início da Criação e Redenção, e **o fim, a meta** de toda **a obra** de Deus, do Pai, junto com **a obra** do seu Filho., agora **co-incidem**.

Cf Jo 4, 34; 5, 17 e contexto; Jo 10, 17-18; 14, 10-14;

Jo 17, 6;

A descrição da "adormição" de Jesus na cruz, manifesta **o fulgor do amor de Deus**, o Deus trinitário.

Jo 19,30:

Havendo Jesus tomado de vinagre, disse: **Consumado**.
Inclinou a cabeça e entregou o espírito

Tetelestai:

resplandecem na cruz as palavras fulgurantes de Jo 3, 16:

Com efeito, Deus tanto amou a humanidade que **Ele entregou** (deu; verbo grego: ***paradidonai***) seu Filho unigênito para que não morra quem nele crê, mas tenha a vida eterna.

Todos os sentimentos humanos profundos e existenciais, todos os desejos sinceros de coração, e que **o Evangelho de João** nos apresenta, nos **sete sinais** (grego: ***sèmai)*** repercutem solenemente **nas sete Auterrevelações:**

Jo 6, 35. 48. 51: Eu sou o pão da Vida.
Jo 6, 12: Eu sou a luz do mundo.

Jo 10, 7, 9 : **Eu** sou a Porta.
Jo 19, 11. 14: **Eu sou** o bom Pastor.
Jo 11, 25 : **Eu sou** a Ressureição e a Vida.
Jo 14, 6 : **Eu sou** o Caminho, a Verdade e a Vida.
Jo 15, 1. 5: **Eu sou** a Videira verdadeira.

"Eu sou"...

permeiando o evangelho**,** a lembrança nítida à Revelação de Deus a Moisés, como Pessoa (**Ex 3, 14**).

Eu sou...

de **Logos encarnado**.

É igual a **Jesus de Nazaré**, irradiando agora a própria Luz de Deus (**Gen 1, 3; Jo 1, 2**),

Eu sou...

Revela **Deus como a Santíssima Trindade**, de que **Thomás d'Aquino** diz que é: **relatio subsistens**.

Tetelestai, consumado,
linguagem primordial, música pura.

Quatro sílabas.
Lembrando-nos à poesia da poetisa alemã,
Marie von Ebner- Eschenbach (1830-1916).

> Um pequeno verso
> Por que nos encanta tanto?
> O que há nele? Diga-me!
> Há nele um simples tom-
> Uma melodia singela.
> Sobretudo uma grande alma.

Junto com **o Ressuscitado**, **o Logos encarnado**, sobe aos ouvidos de Deus, " a melodia singela" de todos os corações de boa vontade e dese-

jando a Paz.

Terminamos com um **Hino da Liturgia das Horas, da Igreja de Alemanha (Das Stundenbuch)**.

Gostaríamos ouvir, "neste pequeno verso", a música polifónica, de "um simples tom", causando a repercução suave no fundo musical, das quatro palavras (Pensamos no preludio do coral dos escravos "Vá, Pensiero" da ópera Nabuco Verde):

LOGOS
SABEDORIA
JESUS
CRUZ

Cristo, meu Senhor,
todo aquele que ainda é capaz de amar,
Te ama.
Todo aquele que não Te conhece,
Te ama inconscientemente.
Aquele que sabe a respeito de Ti,
Te ama saudosamente.
Cristo, Tu és minhs esperança, minha paz, minha felicidade.
Tu és todo em minha vida!
Cristo, meu coração se inclina para Ti.
Cristo, eu Te adoro.
Cristo, eu me apego a Ti,
com todas as forças de minha alma.
Somente a Ti, ó Senhor, eu amo, procuro e sigo.
(Frei Tinus van Balen Mogi das Cruzes,Tabor, 2026)

REFERÊNCIAS

AUGUSTINUS. *Confessiones*. Ed. James J. O'Donnell. Oxford: Oxford University Press, 1992.

CONCÍLIO VATICANO II. Lumen Gentium: constituição dogmática sobre a Igreja. *In*: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2005.

DIELS, Hermann; KRANZ, Walther. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. Berlin: Weidmann, 1951.

HEIDEGGER, M. A época das imagens de mundo. Tradução de Claudia Drucker e Willian Lovitt (The Age of the World Picture) *In*: LOVITT, W. *The Question Concerning Technology and others essay*. Martin Heidegger. NY; London: Garland Publishing, 1977.

HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. Tradução de Victor Hugo de Oliveira Marques. *Multitemas*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 53, p. 275–94, 2018. Doi: http://doi.org/10.20435/multi.v23i53.1593

HEIDEGGER, M. *Ser e Tempo*. Edição em alemão e português. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Unicamp; Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

IGREJA CATÓLICA. *Missal Romano*. 3. ed. São Paulo: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 2023. [Prefácio da Solenidade do Sagrado Coração de Jesus].

JASPERS, Karl. *Vom Ursprung und Ziel der Geschichte*. München: Piper, 1949.

MEYER, Conrad Ferdinand. "Der römische Brunnen". *In*: *Gedichte*. Berlim: Verlag der Nation, 1986.

MOZART, Wolfgang Amadeus. *Ave verum corpus*, K. 618. Baden bei Wien, 1791.

OTTO, Rudolf. *O sagrado*: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

PASCAL, Blaise. *Pensamentos*. Tradução de Sérgio Milliet. *In*: *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Tradução, introdução e notas de Bárbara Heliodora. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2015.

VAN BALEN, C. *A fonte*. Belo Horizonte: O lutador, 2015.

DOI: http://doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.56197
Recebido em: 30/10/2026; aprovado para publicação em: 30/10/2026

A oração como filosofia no pensamento de Frei Catarinus van Balen

Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques, OSB-EA

Doutor em Desenvolvimento Local pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Especialista em Salesianidade pela UCBD. Especialista em Filosofia e Existência pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Licenciado em Filosofia pela UCDB. Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. Atualmente é Coordenador e docente dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Filosofia, ambos pela UCDB. Pesquisador do Laboratório de Ética e Cuidado (LABEC) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia. E-mail: diferencaontologica@gmail.com, Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4366-6596

Nota: O autor é o responsável pela revisão ortográfica e gramatical desta publicação.

Imagem 1 – Frei Tinus e Revdo. Victor Hugo



Fonte: Arquivo pessoal.

1 INTRODUÇÃO

Uma investigação a respeito de uma “Filosofia da Oração”, como propõe o religioso carmelita Catharinus van Balen (Fr. Tinus), exige, primordialmente, uma incursão na história do ser do ente que ora. O fenômeno da oração não pode ser dissociado da linguagem, que constitui o limiar fundamental entre os entes humanos e seus circundantes. Enquanto os animais se comunicam através de sons justificados pelo instinto e pela necessidade de contato imediato, o ente humano é o único que efetivamente "fala". Esta distinção aristotélica, fundamentada na observação do comportamento animal e humano no Liceu, define o homem como o ***ζῷον λόγον ἔχον*** – o ser vivo que possui o dom da palavra.

A linguagem humana transcende a mera transmissão de informações. Ela é, em sua essência, ***logos***. No pensamento grego clássico, o termo ***logos*** está intrinsecamente ligado ao verbo ***legem***, que carrega significados de colecionar, juntar, escolher, contar e ordenar. Orar, portanto, insere-se nesta capacidade misteriosa de "juntar": ver como uma realidade se conecta a outra totalmente diferente, simbolizando e pondo em ordem a experiência humana diante do mistério. Pelo ato da palavra, o ente humano ingressa em uma luz que o torna livre e criativo, permitindo que a oração seja o fôlego da alma e o canal de intimidade com a transcendência.

Neste comentário, queremos explorar um pouco das " ***Meditações para uma Filosofia da Oração***" sob a perspectiva de Frei Catarinus (Tinus) van Balen, cuja obra e pensamento sintetizam a espiritualidade carmelitana, a fenomenologia heideggeriana e uma profunda exegese joanina. A oração não é vista meramente como uma prática religiosa, mas como a estrutura fundamental do ser humano que se descobre em relação com o Absoluto.

2 GÊNESE E CONTEXTO: A VASTIDÃO DA PAISAGEM COMO EPIFANIA DO SER

A compreensão da "***Filosofia da Oração***" em Frei Catarinus van Balen é inseparável de sua experiência biográfica e do ambiente geográfico que moldou sua sensibilidade. Por essa razão, ela se constitui de uma longa ***meditatio.*** Criado no norte da Holanda, em uma região marcada por uma vasta paisagem de pastos e horizontes infinitos, a percepção do sagrado emergiu da contemplação da pequenez humana diante da vastidão. Esta experiência originária, de quem habita (pertence) àquela territorialidade, donde o silêncio do inverno e a linha do horizonte evocam a pergunta "por que eu existo?", constitui um chamamento que é, simultaneamente, religioso e filosófico. É um ***logos*** que ecoa, sustenta, e o chama a existência.

O amadurecimento desta vocação ocorreu em um ambiente social profundamente marcado pela fé e pelo respeito à tradição, mas também por um rigoroso estudo das línguas clássicas – latim e grego – que abriram as portas para a cultura antiga de Homero, Virgílio e Tácito. A formação acadêmica de Frei Tinus coincidiu com o clima intelectual das décadas de

1960 e 1970 na Europa, um período de profunda ebulição marcado pelo existencialismo de Kierkegaard e Sartre, pela psicanálise de Freud e pela rebeldia estudantil de maio de 1968.

Este contexto de "abertura das janelas" (***aggiornamento***) promovido pelo Concílio Vaticano II permitiu que a espiritualidade carmelitana dialogasse com a modernidade, buscando as fontes originais nos Padres da Igreja e na exegese bíblica contemporânea. Frei Tinus relata que sua mentalidade filosófica, como seria de se esperar, surgiu ainda na infância, na escola primária, ao ***admirar*** o mistério da vida naquele ambiente de vastidão. O espanto (***θαυμάζειν***) sempre foi considerado tanto a origem da filosofia como da curiosidade pueril. Como ele mesmo afirma, a verdadeira filosofia não se interessa apenas por coisas racionais, mas pelo mistério que surge no coração de uma criança sensível. Essa "pequena criança" que pergunta "de onde vim?" e "para onde vou?" já está realizando um ato filosófico, que mais tarde se expressará na oração contemplativa.

3 A METAFÍSICA DA LINGUAGEM: O DOM DA PALAVRA E O CONCEITO DE *LEGEM*

A meditação sobre a filosofia da oração pressupõe uma análise rigorosa do que significa falar e pensar. A partir do verbo grego ***legem***, identifica-se que o ser humano opera uma ordenação do cosmos através da palavra. A linguagem não é um instrumento neutro, mas o próprio lugar onde a verdade se manifesta. Esta inversão, intitulada pelos analíticos de ***linguistic turn***, é substancial para o entendimento de como a oração deve ser inserida no seio filosófico.

Aristóteles, ao observar os animais em seu jardim zoológico no Liceu, percebeu que, embora os animais possuam vozes (***phoné***), apenas o homem possui o ***logos***.

O comportamento animal é dirigido pelo instinto; suas construções, como ninhos e teias, permanecem idênticas ao longo dos milênios. Em contraste, as construções humanas – tanto físicas quanto linguísticas – testemunham uma imensa variação e engenhosidade que mudam com o tempo, revelando a marca da liberdade. ***Logos***, portanto, não é sinônimo de capacidade de transmissão ou ordenamento padronizado de signos. Mais do

que isso, ***logos*** é uma ação, um imperativo que permite não só falar, como também criar: "E Deus ***disse***, faça-se...".

4 AS DIMENSÕES DO VERBO *LEGEM*

O termo ***legem,*** em uma leitura ampla***,*** é polissêmico e oferece as bases para entender a oração como um ato de organização do ser diante do Criador. ***Legem*** pode se dar como "**colecionar" ou "ajuntar**"; por sua vez, a oração reúne os fragmentos da existência dispersa em uma unidade de sentido diante de Deus. Ele também se dá como "**escolher" ou "contar**", o que implica que orar exige o discernimento e a eleição das palavras que traduzem a verdade interior. ***Legem*** é "**anunciar" ou "designar**", o que explica que a oração é o anúncio da soberania divina e a declaração da dependência criatural. ***Legem*** é "**ordenar**", e, por isso, orar organiza o caos das emoções e pensamentos, estabelecendo uma hierarquia de propósitos. E finalmente, ***legem*** é "**mandar**", que se converte em obediência à vontade de Deus.

Todas essas dimensões, de algum modo presentes no pensamento de nosso ilustre carmelita, revelam uma misteriosa capacidade de ***conectar*** coisas aparentemente desconexas. Significar, enquanto pôr no ***legem***, é permitir criar um campo de sentido capaz de sustentar o que por si só não seria possível. Pelo ato de falar, o ente homem ingressa na luz, tornando-se livre e criativo. Esta iluminação é o que consente ao orante exclamar, como no Salmo 8: "Ó Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em toda a terra!" (Sl 8,1). A experiência de pequenez e finitude diante do horizonte holandês encontrou no Salmo 8 sua expressão definitiva: "Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos... que é o homem para que dele te lembres?" (Sl 8,3-4).

5 A INFLUÊNCIA FENOMENOLÓGICA: HEIDEGGER E A ONTOLOGIA DO HABITAR (*WOHNEN*)

A filosofia de Martin Heidegger exerce uma influência estruturante na compreensão que Frei Tinus desenvolve sobre a vida espiritual. Embora Heidegger não tenha conhecido pessoalmente Frei Tinus, seu pensamento

ecoou através de teólogos como Karl Rahner e filósofos como De Waelhens, que foram interlocutores ou influências diretas do frade carmelita.

No entanto, Heidegger não é ponto de chegada de nosso autor. Ele funciona como um acontecimento-apropriador (***Ereignis***) que se abre nas sendas do pensamento desse carmelita, concedendo-lhe entrada para uma hermenêutica filosófico-teológica que escapa ao dogmatismo, refletindo-lhe a transcendência. No encontro com o pensamento heideggeriano, Fr. Tinus abre sua própria clareira, apropria-se de uma ***linguagem poetante*** que o joga nos braços do ***Abbá*** de Jesus.

6 O CONCEITO DE *WOHNEN* (HABITAR)

Para Heidegger, "ser e morar é a mesma coisa". Em sua famosa palestra de 1951 em Darmstadt, intitulada ***Construir, Habitar, Pensar*** (***Bauen, Wohnen, Denken***) (Marques, 2018), o filósofo propõe que o ***habitar*** é a maneira fundamental como os entes humanos estão junto ao mundo. Frei Tinus transpõe essa intuição para a eclesiologia e a espiritualidade: Jesus veio ao mundo para providenciar um abrigo, uma segurança e uma fraternidade através da fundação da Igreja.

O Quarto Evangelho, como é conhecido o evangelho de São João, apresenta uma pergunta ontológica feita pelos discípulos: "Onde moras?" (Jo 1,38). Jesus responde: "Vinde e vede" (Jo 1,39). Embora o ***Prólogo*** de João seja mais filosoficamente sugestivo, é na pergunta do ordinário que o desvelamento do habitar se concretiza de modo imediato. Este "morar" de Jesus é ontológico porque é a celebração do relacionamento, da conexão. Pode-se viver em um casarão magnífico e, no entanto, não "morar", se não houver relacionamento (comunhão). O habitar é, portanto, uma realidade do coração; se o coração está em paz e em comunhão com o Outro (Deus, amigos, cônjuge), então o ente humano efetivamente mora.

A oração, nesta perspectiva, é o ato de habitar a presença de Deus. Jesus, o ***Logos*** do Pai, habita na oração, sua encarnação não significou uma separação de Deus. Pelo contrário, esta revelou sua presença no mundo. Em paralelo com a teoria heideggeriana de ***Ser e Tempo***, Jesus é o modo de ser do homem a partir do qual se abre a pergunta pelo sentido do ser. Se o homem é o pastor do ser, conforme diz Heidegger, Jesus é esse ente homem

que pastoreia junto ao ser. São Paulo reforça essa dimensão escatológica ao dizer que devemos elevar nossos pensamentos para onde Cristo está sentado à direita do Pai (Cl 3,1), pois o céu é a nossa morada definitiva, o abrigo final onde a saudade humana é saciada.

7 A CRÍTICA DA RAZÃO TÉCNICA: O REENCANTAMENTO DO MUNDO E O SAGRADO

Heidegger diagnostica que a modernidade é marcada pela "desacralização", um fenômeno em que a técnica (objetificação, manipulação e padronização dos entes) e o pensamento de cálculo dominam a relação do homem com o mundo. Nesse cenário, "os deuses fugiram" e nem eles mais podem nos salvar. No entanto, Frei Tinus observa que, para Heidegger, o "Ser" é o "Sagrado". Mesmo que o homem moderno tente controlar tudo através da essência da técnica, o sagrado nunca desaparece totalmente, porque o próprio ente humano é um mistério sagrado.

A essência da técnica radical tende a manipular a natureza e o ente humano (como na possibilidade da clonagem), o que Heidegger vê como o potencial "fim do mundo". Contra esse comportamento de controle, Fr. Tinus, ao contrário de Heidegger, propõe um novo recomeço. Não cronológico, mas kairológico. A oração – ***legem*** – propõe um comportamento de abertura, respeito e admiração. Orar é "deixar as coisas serem", respeitando o ritmo das estações, o clima e a vida, conforme defendido pelo Papa Francisco na encíclica ***Laudato si***.

O ente humano deve, portanto, distinguir entre dois comportamentos: **cálculo e controle**: necessário para a sobrevivência técnica, mas perigoso se absoluto; **abertura e respeito**: a capacidade de admirar o milagre do crescimento das plantas, da safra e da vida, agradecendo a Deus pela "casa comum". A filosofia, diferentemente da técnica, se interessa pelo mistério. E a oração é a prática desse mistério. Como observa Frei Tinus, Heidegger, no fim da vida, sentia-se mais à vontade com poetas e artistas do que com a técnica, pois a arte, assim como a oração, exige uma mentalidade de criança: ser aberto, admirar e perguntar eternamente.

8 A ESTRUTURA ONTOLÓGICA DA ORAÇÃO: DIÁLOGO ENTRE INICIATIVA E RESPOSTA

A oração não é um ato isolado do ser humano, mas um sistema complexo de relacionamentos e intenções que envolvem a totalidade do ser e a própria Trindade. Segundo os diagramas da "Filosofia da Oração", o ato de orar é estruturado por dois movimentos fundamentais:

8.1 Iniciativa divina (movimento descendente)

A oração começa em Deus. É a Divindade (Pai, Filho e Espírito Santo) que se inclina para o homem. O Espírito Santo atua como o mediador interno que inspira o desejo de orar; Cristo é o caminho e o mediador oficial; e o Pai é o destino da prece. A oração é, portanto, uma participação na vida divina, um dom da graça antes de ser um esforço humano.

8.2 Resposta humana (movimento ascendente)

O homem responde a esse chamado com toda a sua integridade:

- **Coração:** A sede das emoções e do desejo sincero. Exige "nudez" espiritual e transparência.
- **Mente:** Envolve consciência, entendimento e foco reflexivo.
- **Vontade:** É a decisão e a disciplina de submeter-se ao diálogo com o Criador.

A base dessa estrutura é a **Palavra de Deus** (Escritura). Uma oração ontologicamente correta está fundamentada na Bíblia, que fornece a linguagem e as balizas para que a resposta humana esteja em conformidade com a vontade divina.

A ontologia define a oração através de quatro eixos principais: "**quem",** o sujeito humano em relação com o divino trinitário; "**como",** através de formas espontâneas, escritas, silenciosas, cantadas, individuais ou comunitárias; "**o quê",** expressando necessidades, desejos, adoração, gratidão e arrependimento; **"para quê",** com a finalidade de louvor, ação de graças, petição, intercessão e confissão. Essa prática requer uma "escuta ativa". A oração não é um monólogo; ela exige silêncio para ouvir a resposta divina que vem através da Palavra e dos sinais da vida.

A oração está ligada à base do ser: "Quem eu sou em Deus" (identidade) e "Para que fui criado" (propósito) A oração, em termos filosóficos, revela que somos criaturas dependentes, mas infinitamente amadas e afirmadas pelo Criador.

9 ANTROPOLOGIA E PSICANÁLISE: A ORAÇÃO COMO FENÔMENO DE AFIRMAÇÃO E IDENTIDADE

Um dos pontos mais inovadores dessa meditação de Frei Tinus é a sua conexão com a teoria da afirmação na psicanálise. Ele argumenta que todo ser humano precisa ser "afirmado" em sua identidade para existir plenamente. Se não formos afirmados pelos outros – começando pelos pais na infância – não conseguimos ter a nós mesmos como um dom.

Essa afirmação gera paz, alegria e admiração. Na vida espiritual, a oração é o lugar onde Deus afirma o ser humano. Orar é colocar-se diante do Olhar que nos diz: "É bom que você exista". Quando o indivíduo encontra sua identidade nesse olhar divino, ele fica em paz e cheio de amor.

Frei Tinus critica a visão de oração como mera repetição de fórmulas (como “mil Ave Marias”) sem uma atitude espiritual profunda. A verdadeira oração é uma atitude do coração, muitas vezes inconsciente, de estar aberto à afirmação de Deus. Jesus, ao acolher as crianças (Mc 10,14), estava ensinando essa ontologia: a criança é aquela que se deixa afirmar, que não quer mandar, mas que dança, canta e admira. O adulto, muitas vezes, quer ser “dono da verdade” e manipular a religião para fins de poder, esquecendo-se da mentalidade de criança que é essencial para o Reino de Deus.

10 A HARMONIA UNIVERSAL

A oração não se restringe ao plano intelectual ou ético; ela abrange a dimensão estética do universo. Frei Tinus explora a relação entre frequências sonoras e eletromagnéticas como uma metáfora da harmonia universal. A luz e o som são vibrações. Assim como existem sete notas na escala musical (Dó, Ré, Mi, Fá, Sol, Lá, Si), existem sete cores no espectro visível (Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Anil, Violeta).

Essa analogia sugere que o universo opera sob leis matemáticas de

proporção. A cor é "música para os olhos" e a música é "cor para os ouvidos". Na celebração litúrgica, a música faz com que os homens participem da música do próprio Deus. Jesus é descrito como o "regente do coral" da Igreja, entoando um cântico especial ao ressuscitar.

Essa harmonia estética é um convite à oração. Maria, grávida e cantando o ***Magnificat***, realiza a mais bela oração da Bíblia. A oração, portanto, é sintonizar a própria vida com essa frequência divina. A "Invisibilidade" mencionada por Frei Tinus refere-se ao mistério da luz interior que ilumina o conhecimento humano, um "a-priori" que se manifesta na arte, na poesia e na grande literatura [Imagem 4]. A arte criativa consegue dar um "brilho especial" às coisas, despertando a corda que vibra no ser humano e que, na vida cotidiana, costuma estar "dormindo".

11 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meditações para uma Filosofia da Oração, conforme proposta por Frei Catarinus van Balen, revela que o ato de orar é a expressão máxima da dignidade humana. Ao contrário de uma técnica de súplica egoísta, a oração é um "habitar" na presença de Deus, um "juntar" dos fragmentos da vida através do Logos, e uma aceitação da "afirmação" divina que nos constitui como sujeitos.

Nesta visão, a oração é sustentada por: **conhecimento acadêmico e espiritual:** hermenêutica, exegese, história da igreja e cultura judaica fornecem o solo para uma oração que "sabe o que diz"; **sensibilidade estética**: a percepção da harmonia entre luz, música e criação; **abertura ao mistério**: o abandono da vontade de controle técnica em favor da admiração e do silêncio contemplativo.

A oração transforma o ser humano em um "ser falante" pleno, que utiliza o dom da palavra para glorificar o nome de Deus e interceder pelo próximo. No Jardim do Getsêmani, Jesus exemplifica a oração perfeita: "Abba! Ó Pai! Tudo é possível para ti; afasta de mim este cálice; porém, não o que eu quero, mas o que tu queres" (Mc 14,36) [Imagem 2]. Essa submissão da vontade humana à divina é o ponto onde a ontologia da oração encontra sua consumação, revelando que a vida eterna consiste em conhecer o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem Ele enviou (Jo 17,3).

Ao final de sua vida, aos 90 anos, Frei Tinus expressa o desejo de desenvolver ainda mais essa ontologia, partindo do "Cântico dos Cânticos" (***Shir HaShirim***), o mistério do amor e do relacionamento que é a essência do próprio Deus. A oração, em última análise, é o relacionamento de amor onde o noivo (Deus) e a noiva (a alma/igreja) se encontram na celebração da vida plena.

REFERÊNCIA

MARQUES, Victor Hugo de Oliveira. Construir, habitar, pensar. *Multitemas*, Campo Grande, MS, v. 23, n. 53, p. 275–94, 2018. DOI: http://doi.org/10.20435/multi.v23i53.1593

Doi: http://dx.doi.org/10.20435/multi.vol31issespecial.5625

Posfácio

Louvável a iniciativa do Revdo. Victor Hugo de Oliveira Marques, OSB-EA, (entre nós o professor e doutor da Universidade Católica Dom Bosco) ao propicar o registro do pensamento do ***Fr. Tinus van Balen, O.Carm.,*** no sentido de que a humanidade pudesse ter acesso a algo tão significativo, advindo de uma pessoa que dedicou a vida inteira ao ensinamento da verdade por via do cristiannismo.

É preciso que se diga que o pensamento teólogico cristão, filosófico e pedagógico do ***Fr. Tinus van Balen*** vai muito além da nossa capacidade de apreensão, o que implica na necessidade de se retomar inúmeras vezes a leitura da entrevista aqui registrada. Todavia, até mesmo para amenisar a incapacidade de compreender a profundidade do pensamento exposto, vale recordar que na fenomenologia referida, vemos que deve haver um constante ***desvelar da realidade abordada para se aproximar da verdade em essência***.

Em nossa apreciação, naturalmente incompleta e sujeita a complementaridade, nos parece que toda a instigação do que motivou a vida cristã e de professor-filósofo do Fr. Tinus van Balen, está alicerçada na resposta que deu logo no início da entrevista quando afirmou:

> *A verdadeira filosofia, na minha opinião, não se interessa somente pelas coisas racionais, mas também pelo mistério. O ambiente em que eu me criei, e que era muito religioso, era aberto para esta dimensão da vida. As perguntas: "por quê eu existo?", "de onde eu vim?" e "para onde eu vou?", são perguntas religiosas e também filosóficas. Eu acho que, quando criança, neste ambiente, eu já era filósofo.*

Cremos também que o presente registro de pensamento encontra extremada validade quando se traça paralelos e se faz comparativos com tantos outros registros que procuram ensinar determinados princípios desconexos com a finalidade última da existência humana.

No contexto de toda a tecitura da entrevista vemos que há explicita e implicitamente uma homilia de bem aventurança como uma espécie de ápice de benevolência e carisma como forma de apregoar o verdadeiro apego a Deus e seus ensinamentos como forma de expressão de amor à humanidade.

Cremos como sendo natural a possibilidade de outros e melhores comentários sobre o que acabamos de apreciar, mas queremos dizer que somos gratos pela gratificante oportunidade, o que implica desejar proficuas refexões a partir do texto.

Inverno brasileiro de 2026.
Prof. Dr. Heitor Romero Marques